

11

A Triunidade de Deus: a Trindade

O ensino bíblico

- A unidade de Deus

- A deidade dos três

- A trindade

Formulações históricas

- A perspectiva “econômica” da Trindade

- O monarquianismo dinâmico

- O monarquianismo modalista

- A formulação ortodoxa

Elementos essenciais de uma doutrina da Trindade

- A busca de analogias

Na doutrina da Trindade, encontramos uma das doutrinas que de fato distinguem o cristianismo. Entre as religiões do mundo, a fé cristã é sem igual ao alegar que Deus é um mas que, ao mesmo tempo, há três pessoas que são Deus. Ao fazer isso, apresenta-se o que, na superfície, parece uma doutrina contraditória. Além disso, essa doutrina não é declarada de forma aberta ou explícita nas *Escrituras*. No entanto, mentes devotas têm sido levadas a ela quando procuram fazer justiça ao testemunho das *Escrituras*.

A doutrina da Trindade é crucial para o cristianismo. Ela se ocupa em definir quem é Deus, como ele é, como trabalha e a forma pela qual se tem acesso a ele. Além disso, a questão da deidade de Jesus Cristo, que historicamente tem sido ponto de grande tensão, está muito ligada com o conceito de Trindade. A

A Natureza de Deus

posição que adotamos em relação à Trindade exerce profunda influência em nossa cristologia.

A posição que adotamos em relação à Trindade também responderá uma série de perguntas de natureza prática. A quem devemos cultuar —apenas ao Pai; ao Filho; ao Espírito Santo; ou ao Deus triúno? A quem devemos orar? A obra de um deve ser considerada à parte da obra dos outros, ou podemos entender que, de alguma forma, a morte expiatória de Jesus também é obra do Pai? Pode-se pensar no Filho como um equivalente ao Pai em essência, ou ele deve ser relegado a um status ligeiramente menor?

*A fé cristã é sem igual ao alegar que Deus é um mas que,
ao mesmo tempo, há três pessoas que são Deus.*

Vamos começar nosso estudo da Trindade examinando a base bíblica da doutrina. É importante notar o tipo de testemunho das *Escrituras* que levou a igreja a formular e a propor essa estranha doutrina. Depois, vamos examinar algumas das primeiras tentativas de lidar com os dados bíblicos, entre elas a formulação ortodoxa. Por fim, vamos estudar os elementos essenciais da doutrina e procurar as analogias que possam nos ajudar a compreendê-la um pouco melhor.

O ensino bíblico

Começamos com os dados bíblicos no que diz respeito à doutrina da Trindade. Há três tipos de indícios distintos mas relacionados entre si: o indício da unidade de Deus —que Deus é um; indícios de que há três pessoas que são Deus; e, por fim, indicações ou pelo menos insinuações da triunidade.

A unidade de Deus

A religião dos antigos hebreus era uma fé rigorosamente monoteísta, como, aliás, é a religião judaica hoje. A unidade de Deus foi revelada a Israel em muitas ocasiões diferentes e de várias maneiras. Os Dez Mandamentos, por exemplo, começam com a declaração: “Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20.2,3).

A proibição da idolatria, o segundo mandamento (v. 4), também repousa sobre a singularidade de Jeová. Ele não tolerará nenhuma adoração de objetos feitos por mãos humanas, pois somente ele é Deus. A rejeição do politeísmo percorre todo o

Antigo Testamento. Deus demonstra repetidas vezes sua superioridade sobre outros que reivindicam deidade.

Uma indicação mais clara da unidade de Deus é o *Shema* de *Deuteronômio* 6, as grandes verdades que o povo de Israel tinha a obrigação de absorver e inculcar em seus filhos. Eles deviam meditar naqueles ensinamentos (“Estas palavras [...] estarão no teu coração”, v. 6). Deviam conversar sobre eles —em casa e pelo caminho, ao levantar e ao deitar (v. 7). Deviam empregar auxílios visuais para lhes chamar a atenção para tais verdades —usando-as nas mãos e na testa, e escrevendo-as nos umbrais da casa e nos portões. E quais são essas grandes verdades que deviam ser tão destacadas? Uma delas é uma declaração afirmativa indicativa: “O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” (v. 4). A segunda grande verdade que Deus desejava que Israel aprendesse e ensinasse é um mandamento baseado em sua singularidade: “Amarás o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força” (v. 5). Por ele ser único, não devia haver divisão no compromisso de Israel.

O ensino a respeito da unidade de Deus não se restringe ao *Antigo Testamento*. *Tiago* 2.19 recomenda a crença num único Deus, embora observe que isso é insuficiente para a justificação. Paulo escreve quando discorre sobre a ingestão de carne oferecida a ídolos: “Sabemos que o ídolo não significa nada no mundo e que só existe um Deus, [...] o Pai, de quem vêm todas as coisas e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem vieram todas as coisas e por meio de quem vivemos” (1Co 8.4,6, NVI). Aqui, Paulo, à semelhança da lei mosaica, exclui a idolatria, baseado no fato de só existir um Deus.

A deidade dos três

Todos esses indícios, tomados por si, com certeza nos levariam a uma crença basicamente monoteísta. Que motivo, nesse caso, levou a igreja a ir além dessas indicações? Foi o testemunho bíblico complementar de que três pessoas são Deus. A deidade da primeira pessoa, o Pai, pouco se discute. Além das referências em *1Coríntios* 8.4, 6 e *1Timóteo* 2.5,6, podemos notar os casos em que Jesus refere-se ao Pai como Deus. Em *Mateus* 6.26, por exemplo, ele indica que “vosso Pai celeste as sustenta [as aves do céu]”. Numa afirmação paralela que vem logo depois, ele indica que “Deus veste [...] a erva do campo” (v. 30). É óbvio que, para Jesus, “Deus” e “vosso Pai celeste” são expressões equivalentes. E em numerosas referências a Deus, é evidente que Jesus tem em mente o Pai (e.g. Mt 19.23-26; 27.46; Mc 12.17, 24-27).

Um pouco mais problemático é o status de Jesus como deidade, ainda que a *Escritura* também o identifique como Deus. Uma referência chave à deidade de Cristo Jesus é encontrada em *Filipenses* 2. Ao que tudo indica, nos versículos 5-11, Paulo toma o que era um hino da igreja primitiva e o usa como base para pedir aos leitores que pratiquem a humildade. Paulo observa que “ele [Jesus], subsistindo em

forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus" (v. 6). A palavra aqui traduzida por "forma" é *morphē*. Esse termo, tanto no grego clássico como no bíblico, significa "conjunto de características que fazem com que uma coisa seja o que é". Denotando a genuína natureza de uma coisa, *morphē* contrasta com *schēma*, que também é em geral traduzida por "forma", mas no sentido de formato ou aparência superficial, em lugar de substância. O uso de *morphē* nessa passagem, refletindo a fé da igreja primitiva, insinua uma profunda confiança na plena deidade de Cristo.

Outra passagem significativa é *Hebreus* 1. O autor, cuja identidade nos é desconhecida, está escrevendo para um grupo de cristãos hebreus. Ele (ou ela) faz várias afirmações que implicam fortemente a plena deidade do Filho. Nos versículos iniciais, o autor argumenta que o Filho é superior aos anjos e nota que Deus tem falado por meio do Filho, destacou-o como herdeiro de todas as coisas e fez o universo por meio dele (v. 2). O autor descreve, então, o Filho como o "resplendor da glória de Deus" (NVI) e a "expressão exata do seu ser". Embora talvez possa se alegar que isso só afirma que Deus se revelou por meio do Filho, não que o Filho é Deus, o contexto sugere outra coisa. Além de se identificar como o Pai daquele a quem chama Filho (v. 5), Deus é citado no versículo 8 (do Sl 45.6) dirigindo-se ao Filho como "Deus" e no versículo 10 como "Senhor" (do Sl 102.25). O autor conclui observando que Deus disse ao Filho: "Assenta-te à minha direita" (do Sl 110.1). É significativo que o autor bíblico dirige-se a cristãos hebreus, que com certeza estariam imbuídos de monoteísmo, de maneiras que inegavelmente afirmam a deidade de Jesus e sua igualdade com o Pai.

Uma consideração final sobre a autoconsciência de Jesus. Devemos notar que Jesus nunca afirmou diretamente sua deidade. Ele nunca disse simplesmente: "Sou Deus". Mas várias pistas sugerem que era assim, de fato, que ele se via. Ele afirmava possuir o que pertence unicamente a Deus. Ele falou dos anjos de Deus (Lc 12.8,9; 15.10) como se fossem seus (Mt 13.41). Ele considerava o reino de Deus (Mt 12.28; 19.14, 24; 21.31, 43) e os eleitos de Deus (Mc 13.20) como de sua propriedade. Além disso, ele alegou perdoar pecados (Mc 2.8-10). Os judeus reconheciam que somente Deus podia perdoar pecados e, por conseguinte, acusaram Jesus de blasfêmia. Ele também reivindicava poder para julgar o mundo (Mt 25.31) e reinar sobre ele (Mt 24.30; Mc 14.62).

Também há referências bíblicas que identificam o Espírito Santo com Deus. Aqui podemos notar que há passagens em que referências ao Espírito Santo ocorrem de forma intercambiável com referências a Deus. Um exemplo disso é *Atos* 5.3,4. Ananias e Safira retiveram uma parte do produto da venda de sua propriedade, fingindo que o colocavam inteiramente aos pés dos apóstolos. Aqui, mentir ao Espírito Santo (v. 3) é equiparado a mentir a Deus (v. 4). O Espírito Santo também é descrito como alguém que possui as qualidades de Deus e executa as obras dele. É o Espírito Santo quem convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8-11). Ele regenera ou dá nova vida (Jo 3.8). Em *1Coríntios* 12.4-11,

lemos que é o Espírito quem concede dons à igreja e exerce soberania sobre os que recebem tais dons. Além disso, ele recebe a honra e a glória reservadas a Deus.

Em *1Coríntios* 3.16,17, Paulo lembra aos fiéis que eles são o templo de Deus e que seu Espírito habita neles. No capítulo 6, Paulo diz que o corpo deles é um templo do Espírito Santo que neles habita (v. 19,20). “Deus” e “Espírito Santo”, ao que parece, são expressões equivalentes. Também há alguns trechos em que o Espírito Santo é colocado em pé de igualdade com Deus. Um deles é a fórmula batismal de *Mateus* 28.19; o segundo é a bênção paulina em *2Coríntios* 13.14; e, por fim, há *1Pedro* 1.2, em que Pedro dirige-se a seus leitores como os “eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo”.

A triunidade

Na superfície, essas duas linhas de pistas —a unidade e a triplicidade de Deus— parecem contraditórias. Quando a igreja começou a refletir sobre questões doutrinárias, chegou à conclusão de que Deus deve ser compreendido como três em um ou, em outras palavras, triúno. Neste ponto precisamos discutir se essa doutrina é ensinada de forma explícita na *Bíblia*, se é nela insinuada ou se é uma mera inferência de outros ensinamentos bíblicos.

Um texto tradicionalmente citado como um registro da Trindade é *1João* 5.7, isto é, segundo se encontra em versões mais antigas como a Edição Revista e Corrigida: “Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um”. Aparentemente, há uma afirmação clara e sucinta da triunidade. Infelizmente, a base textual é tão frágil que algumas traduções recentes (e.g. NVI, ARA) só incluem essa declaração em notas ou entre colchetes, enquanto outras a omitem por completo (e.g. RSV). Se existe alguma base bíblica para a Trindade, deve estar em outro lugar.

A forma plural do substantivo que designa o Deus de Israel, *’ēlōhîm*, é às vezes entendido como um indício da concepção trinitária. Trata-se de um nome genérico usado também para outros deuses. Quando usado em referência ao Deus de Israel, apresenta-se em geral, mas nem sempre, no plural. Alguns diriam que essa é uma indicação da natureza plural de Deus.

Existem ainda outras formas plurais. Em *Gênesis* 1.26, Deus diz: “Façamos o homem à nossa imagem”. Aqui, o plural aparece tanto no verbo “façamos” como no sufixo possessivo “nossa”. Quando Isaías foi chamado, ouviu o Senhor dizendo: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós?” (*Is* 6.8). O que é significativo do ponto de vista da análise lógica é a *mudança* do singular para o plural. *Gênesis* 1.26 diz na realidade: “Também disse [singular] Deus: Façamos [plural] o homem à nossa [plural] imagem”. Deus é citado usando um verbo no plural em referência a si mesmo. De modo semelhante, *Isaías* 6.8 traz: “A quem enviarei [singular], e quem há de ir por nós [plural]?”

A Natureza de Deus

O ensino a respeito da imagem de Deus na humanidade também é visto como uma indicação da Trindade. *Gênesis* 1.27 traz:

*Criou Deus, pois, o homem à sua imagem,
à imagem de Deus o criou;
homem e mulher os criou.*

Alguns argumentariam que temos aqui um paralelismo não apenas nas duas primeiras linhas, mas nas três. Assim, “homem e mulher os criou” seria equivalente a “criou Deus, pois, o homem à sua imagem” e a “à imagem de Deus o criou”. Por esse raciocínio, a imagem de Deus no homem (genérico) deve ser encontrada no fato de o homem ter sido criado macho e fêmea (i.e., plural).¹ Isso significa que a imagem de Deus deve consistir em uma unidade em pluralidade, uma característica tanto do étipo quanto do arquétipo. De acordo com *Gênesis* 2.24, homem e mulher devem tornar-se um (*'echād*); exige-se uma união de duas entidades distintas. É significativo que a mesma palavra é usada para Deus no *Shema*: “O SENHOR, nosso Deus, é o único [*'echād*] SENHOR” (Dt 6.4). Parece que existe alguma afirmação acerca da natureza de Deus —ele é um organismo, ou seja, uma unidade de partes distintas.

Em algumas partes das *Escrituras*, as três pessoas são associadas em unidade e aparente igualdade. Uma delas é a fórmula batismal conforme prescrita na grande comissão (Mt 28.19,20): batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Note que “nome” é singular, embora haja o envolvimento de três pessoas. Ainda outra associação direta dos três nomes é a bênção paulina em *2Coríntios* 13.13 —“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós”. Aqui temos novamente a associação dos três nomes em unidade e aparente igualdade.

É no quarto evangelho que encontramos o indício mais significativo de uma Trindade de equivalentes. A fórmula tríplice aparece repetidas vezes: 1.33,34; 14.16, 26; 16.13-15; 20.21,22 (cf. 1Jo 4.2, 13,14). A dinâmica interna entre as três pessoas surge várias vezes, como observou George Hendry.² O Filho é enviado pelo Pai (14.24) e vem dele (16.28). O Espírito é dado pelo Pai (14.16), enviado pelo Pai (14.26) e procede do Pai (15.26). Mas o Filho está estreitamente relacionado com a vinda do Espírito: ele ora por sua vinda (14.16); o Pai envia o Espírito em nome do Filho (14.26); o Filho enviará o Espírito da parte do Pai (15.26); o Filho deve ir para que possa enviar o Espírito (16.7). O ministério do Espírito é visto como uma continuação e desenvolvimento do ministério do Filho. Ele trará à lembrança o que

¹ Paul King JEWETT, *Man as male and female* (Grand Rapids, Eerdmans, 1975), p. 33-40, 43-8; Karl BARTH, *Church dogmatics* (Edinburgh, T. and T. Clark, 1958), vol. 3, part 1, p. 183-201.

² George S. HENDRY, *The Holy Spirit in Christian theology* (Philadelphia, Westminster, 1956), p. 31.

o Filho disse (14.26); ele testemunhará do Filho (15.26); ele declarará o que ouve do Filho, glorificando, dessa forma, o Filho (16.13,14).

O prólogo do evangelho também contém um material rico em significado para a doutrina da Trindade. João diz no primeiro versículo do livro: "O Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". Eis uma idéia da divindade da Palavra. Aqui também encontramos a idéia de que embora o filho seja distinto do Pai, existe uma comunhão entre eles, pois a preposição *pros* ("com") não conota apenas uma proximidade física em relação ao Pai, mas também uma intimidade de comunhão.

Há outras maneiras pelas quais esse evangelho salienta a proximidade e a unidade entre o Pai e o Filho. Jesus diz: "Eu e o Pai somos um" (10.30) e "Quem me vê a mim vê o Pai" (14.9). Ele ora para que seus discípulos sejam um como são ele e o Pai (17.21).

Nossa conclusão a partir dos dados que acabamos de examinar: Embora a doutrina da Trindade não seja declarada de forma expressa, a *Escritura*, especialmente o *Novo Testamento*, contém tantos indícios da deidade e da unidade das três pessoas que podemos compreender por que a igreja formulou a doutrina, concluindo que estava certa em fazê-lo.

Formulações históricas

Durante os dois primeiros séculos depois de Cristo, houve pouco esforço consciente de lutar com as questões teológicas e filosóficas do que hoje entendemos por doutrina da Trindade. Pensadores como Justino e Taciano destacaram a unidade da essência entre a Palavra e o Pai, usando a figura da impossibilidade de separar a luz de sua fonte, o sol. Dessa forma, ilustraram que, embora a Palavra e o Pai sejam distintos, não podem ser divididos ou separados.³

A perspectiva "econômica" da Trindade

Em Hipólito e Tertuliano, encontramos o desenvolvimento de uma perspectiva "econômica" da Trindade. Houve poucas tentativas de explorar as relações eternas entre os três; antes, houve uma concentração no estudo das formas pelas quais a Tríade se manifestou na criação e na redenção. Embora a criação e a redenção mostrassem que o Filho e o Espírito eram diferentes do Pai, eles eram também considerados unidos de modo inseparável ao Pai em seu ser eterno. Entendia-se que, assim como as funções mentais de um ser humano, a razão de Deus, ou seja, a Palavra, estava imanente e indivisivelmente com ele.

À guisa de uma rápida avaliação, notamos que existe um quê de indefinição nessa perspectiva da Trindade. Qualquer esforço para se chegar a uma compreensão mais exata de seu significado mostrar-se-á desalentador.

³ JUSTINO, o Mártir, *Diálogo com Trifo* 61.2; 128.3-4.

O monarquianismo dinâmico

No final do século II e no século III, houve duas tentativas de elaborar uma definição precisa do relacionamento entre Cristo e Deus. As duas concepções são tratadas por monarquianismo (lit. “soberania única”), uma vez que destacam a singularidade e a unidade de Deus, mas apenas a última reivindicou essa designação para si.

O monarquianismo dinâmico sustentava que Deus estava dinamicamente presente na vida de Jesus homem. Havia uma obra ou força de Deus que atuava *sobre, em* ou *por meio de* Jesus homem, mas não havia uma presença real de Deus nele. O idealizador do monarquianismo dinâmico, Teódoto, asseverava que, antes do batismo, Jesus era um homem comum, embora completamente virtuoso. No batismo, o Espírito, ou Cristo, desceu sobre ele, e daquele momento em diante, ele passou a concretizar as obras milagrosas de Deus. Essas idéias de monarquianismo dinâmico nunca chegaram a se difundir.⁴

O monarquianismo modalista

Em contraste, o monarquianismo modalista era um ensino popular, muito difundido. Enquanto o monarquianismo dinâmico parecia negar a doutrina da Trindade, o modalismo parecia afirmá-la. Ambas as variedades do monarquianismo descjavam preservar a doutrina da unidade de Deus. O modalismo, porém, também se devotava profundamente à plena divindade de Jesus. Uma vez que em geral se entendia que o termo *Pai* referia-se à própria Divindade, qualquer insinuação de que a Palavra ou o Filho eram de alguma forma diferentes do Pai incomodava os modalistas. Parecia-lhes um caso de biteísmo, crença em dois deuses.

Em essência, a idéia dessa escola de pensamento é que existe uma Divindade que pode ser designada de várias formas, como Pai, Filho ou Espírito. Os termos não indicam distinções reais, sendo meros nomes que são apropriados e aplicáveis em diferentes ocasiões. Pai, Filho e Espírito Santo são idênticos —são revelações sucessivas da mesma pessoa. A solução modalista ao paradoxo de Deus ser três e um era, portanto, não três pessoas, mas uma pessoa com três nomes, funções ou atividades diferentes.⁵

Deve-se reconhecer que, no monarquianismo modalista, temos uma concepção genuinamente única, original e criativa, concepção que, em alguns aspectos, é uma ruptura brilhante. Tanto a unidade de Deus quanto a deidade das três pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo — são preservadas. Mas a igreja, ao avaliar essa teologia, considerou-a deficiente em alguns aspectos significativos. Em particular, o fato de

⁴ ATANÁSIO, *Sobre os decretos do Sínodo de Nicéia (Defesa do Concílio de Nicéia)* 5.24; *Sobre os Concílios de Arimino e Selêucia* 2.26; EUSÉBIO, *História Eclesiástica* 7.30.

⁵ ATANÁSIO, *Quatro discursos contra os arianos* 3.23.4.

as três pessoas por vezes aparecerem simultaneamente na cena da revelação bíblica tornou-se uma grande pedra de tropeço para essa concepção. A cena do batismo, em que o Pai fala para o Filho, e o Espírito desce sobre o Filho é um exemplo. Alguns dos textos trinitários destacados anteriormente também se mostram problemáticos.

A formulação ortodoxa

A doutrina ortodoxa da Trindade foi enunciada em uma série de debates e concílios, em grande parte, causada pelas controvérsias provocadas por movimentos tais como o monarquianismo e o arianismo. Foi no Concílio de Constantinopla (381) que emergiu uma formulação definitiva em que a igreja explicitou as crenças que estavam implícitas. A concepção que prevaleceu foi basicamente a de Atanásio (293-373), conforme elaborada e aperfeiçoada pelos teólogos capadócijs —Basílio, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa.

A fórmula que expressa a posição de Constantinopla é “uma *ousia* [substância] em três *hypostases* [pessoas]”. Com frequência, a ênfase parece estar mais na segunda parte da fórmula, ou seja, na existência distinta das três pessoas, e não numa Divindade única, indivisível. A Divindade única existe “indivisível em pessoas divididas”. Existe uma “identidade de natureza” nas três hipóstases.

Os capadócijs tentaram expor os conceitos da substância comum e das pessoas múltiplas distintas usando a analogia de um universal e seus particulares —as pessoas da Trindade estão para a substância divina, assim como os homens estão para o homem universal (ou a humanidade). Cada uma das hipóstases é a *ousia* da Divindade que se distingue pelas características ou propriedades peculiares a ela, assim como cada ser humano possui características únicas que o distinguem de outros seres humanos. Respectivamente, essas propriedades das pessoas divinas são, de acordo com Basílio, paternidade, filiação e poder santificador ou santificação.⁶

É evidente que a fórmula ortodoxa protege a doutrina da Trindade contra o perigo do modalismo. Mas será que o fez à custa de cair no erro oposto —o triteísmo? Na superfície, o perigo parece considerável. Dois pontos foram, no entanto, levantados para resguardar a doutrina da Trindade do triteísmo.

Em primeiro lugar, observou-se que se pudermos encontrar uma única atividade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a qual, de maneira nenhuma, seja diferente em alguma das três pessoas, precisamos concluir que existe o envolvimento de apenas uma substância idêntica. E tal unidade foi encontrada na atividade divina da revelação. A revelação origina-se no Pai, procede por meio do Filho e é completada no Espírito. Não são três ações, mas uma ação em que todos os três se envolvem.

⁶ BASÍLIO, *Cartas* 38.5; 214.4; 236.6.

Em segundo lugar, houve uma insistência na concretidade e na indivisibilidade da substância divina. Muito da crítica contra a doutrina capadócia da Trindade centrava-se na analogia de um universal que se manifesta em particulares. Para evitar a conclusão de que há uma multiplicidade de deuses dentro da Deidade, assim como há uma multiplicidade de seres humanos dentro da humanidade, Gregório de Nissa afirmou que, no sentido estrito, não devemos falar de uma multiplicidade de seres humanos, mas de uma multiplicidade de um ser humano universal. Assim, os capadócios continuaram salientando que, embora os três membros da Trindade possam ser distinguidos numericamente como pessoas, eles são indistinguíveis em sua essência ou substância. Eles são distinguíveis como pessoas, mas são um e inseparáveis em sua existência.

Deve-se reiterar que a ousia não é abstrata, mas uma realidade concreta. Além disso, essa essência divina é simples e indivisível. Seguindo a doutrina aristotélica de que somente o que é material pode ser dividido quantitativamente, os capadócios às vezes quase negavam que a categoria de número pudesse ser de alguma forma aplicada à Deidade. Deus é simples e não composto. Assim, embora cada uma das pessoas seja distinta, não podem ser somadas para formar três entidades.

Elementos essenciais de uma doutrina da Trindade

Aqui é preciso fazer uma pausa a fim de observar os elementos de destaque que devem ser incluídos em qualquer doutrina da Trindade.

1. Começamos com a unidade de Deus. Deus é um, não vários. A unidade de Deus pode ser comparada com a unidade entre marido e esposa, mas devemos ter em mente que estamos lidando com um Deus, não com uma reunião de entidades distintas.

2. A deidade da cada uma das três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, deve ser salientada. No que se refere à qualidade, todas são iguais. O Filho é divino da mesma forma e na mesma medida que o Pai, e isso também vale para o Espírito Santo.

*Algum dia, compreenderemos melhor a Deus, mas,
mesmo então, não o compreenderemos totalmente.*

3. A triplicidade e a unidade de Deus não dizem respeito ao mesmo pormenor. Embora a interpretação ortodoxa da Trindade pareça contraditória (Deus é um, mas também três), a contradição não é real, mas apenas aparente. Existe uma contradição quando algo é A e não é A ao mesmo tempo, com respeito ao mesmo

pormenor. O modalismo tentou lidar com a aparente contradição afirmando que os três modos ou manifestações de Deus não são simultâneos; em dado momento, apenas um deles é revelado. A ortodoxia, porém, insiste em que Deus é três pessoas a qualquer momento. Sustentando também sua unidade, a ortodoxia lida com o problema afirmando que a maneira pela qual Deus é três difere, em alguns aspectos, da maneira pela qual ele é um. Os pensadores do século IV falavam de uma ousia e três hipóstases. Surge agora o problema de determinar o significado desses dois termos ou, sendo mais abrangente, a diferença entre a natureza da unidade de Deus e a de sua triplicidade.

4. A Trindade é eterna. Sempre houve três. Pai, Filho e Espírito Santo, e todos eles sempre foram divinos. Um ou mais deles não surgiram em algum ponto do tempo nem se tornaram divinos em algum momento. O Deus Triúno é e será o que sempre foi.

5. A função de um membro da Trindade pode, por vezes, subordinar-se a um ou aos dois outros membros, mas isso não significa que algum deles possa ser inferior em essência. Cada uma das três pessoas da Trindade teve, em certo período, uma função específica exclusiva. Isso deve ser entendido como uma função temporária no intuito de cumprir determinado objetivo, não uma mudança em seu status ou essência. Na experiência humana, também existe subordinação funcional. Vários iguais num negócio ou empreendimento podem escolher um dentre eles para servir como capitão de uma força tarefa ou como presidente de uma comissão por um período determinado, sem que haja nenhuma mudança de posição. Da mesma forma, em sua encarnação terrena, o Filho não se tornou menor que o Pai, mas se subordinou funcionalmente à vontade do Pai. Semelhantemente, o Espírito Santo está agora subordinado ao ministério do Filho (veja Jo 14—16) assim como à vontade do Pai, mas isso não implica que este seja menor que aqueles.

6. A Trindade é incompreensível. Não podemos compreender plenamente o mistério da Trindade. Algum dia, quando virmos Deus, iremos vê-lo como é e o compreenderemos melhor que agora. Mas, mesmo então, não o compreenderemos totalmente.

A busca de analogias

O problema na formulação de um enunciado da doutrina da Trindade não se limita à compreensão de sua terminologia. Isso já é bem penoso; por exemplo, é difícil saber o que “pessoa” significa nesse contexto. Ainda mais difícil é compreender as relações internas entre os membros da Trindade. A mente humana às vezes procura analogias para ajudá-lo nesse intento.

No nível popular, costumam-se utilizar analogias retiradas da natureza física. Uma analogia amplamente difundida, por exemplo, é a do ovo: o ovo consiste em gema, clara e casca, os quais, juntos, constituem um ovo inteiro. Outra analogia

apreciada é a água: a água pode ser encontrada em forma líquida, sólida ou gasosa. Às vezes usam-se outros objetos materiais como ilustrações. Um pastor, instruindo jovens catecúmenos, tentou esclarecer a triplicidade ao mesmo tempo unitária usando a pergunta: "Calças é singular ou plural?" Sua resposta era que calças é singular em cima e plural embaixo.

Note que essas analogias e ilustrações, bem como grande número de analogias similares retiradas do âmbito material tendem a ser ou triteístas ou modalistas em suas implicações. Por um lado, as analogias do ovo e das calças dão a entender que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são partes distintas da natureza divina. Por outro lado, a analogia das várias formas da água possui um tom modalista, já que o gelo, a água líquida e o vapor são modos de ser. Uma porção de água não existe simultaneamente em todos os três estados.

Uma das mentes mais criativas na história da teologia cristã foi Agostinho. Em *De trinitate*, que talvez seja sua maior obra, ele voltou seu intelecto prodigioso para o problema da natureza da Trindade. A maior contribuição de Agostinho para a compreensão da Trindade são suas analogias extraídas do campo da personalidade humana. Ele argumentou que, se a humanidade é feita à imagem de Deus, que é triúno, é razoável esperar encontrar, numa análise da natureza humana, um reflexo, mesmo que tênue, da triunidade de Deus. Tendo em mente esse pensamento, vamos examinar duas analogias extraídas do campo da experiência humana.

A primeira analogia é retirada do campo da psicologia do indivíduo humano. Possuindo autoconsciência, posso me ocupar com um diálogo interno comigo mesmo. Posso assumir posições diferentes e interagir comigo mesmo. Posso, até, me envolver num debate comigo. E mais, sou uma pessoa humana complexa, com múltiplas funções e responsabilidades em interação dinâmica. Quando considero o que eu devia fazer em determinada situação, o marido, o pai, o professor de seminário e o cidadão americano que, juntos, me constituem, podem se informar mutuamente.

Um problema dessa analogia é que, na experiência humana, isso se vê com maior nitidez nas situações em que há tensão ou competição, e não harmonia, entre as várias posições e funções do indivíduo. A disciplina da psicologia anormal nos proporciona exemplos extremos de virtuais guerras entre os elementos que constituem a personalidade humana. Mas, em Deus, de modo contrastante, sempre há perfeita harmonia, comunicação e amor.

A outra analogia vem da esfera das relações interpessoais. Tome o caso dos gêmeos idênticos. Em um sentido, são da mesma essência, pois a constituição genética deles é idêntica. Um órgão pode ser transplantado de um para outro com relativa facilidade, pois o corpo receptor não rejeitará o órgão do doador, considerando-o estranho, mas o aceitará como se fosse dele mesmo. Gêmeos idênticos também são muito chegados em outros aspectos. Eles têm interesses e gostos semelhantes. Embora tenham cônjuges e empregadores diferentes, há um vínculo muito estreito que os une. Mas não são a mesma pessoa. São duas, não uma.

Essas duas analogias destacam aspectos diferentes da doutrina da Trindade. A primeira salienta mais a unidade. A segunda ilustra com maior clareza a triplicidade. Segundo a lógica, ambas não podem ser simultaneamente verdadeiras, pelo menos dentro de nosso entendimento. Mas não seria possível que tenhamos aqui um mistério? Precisamos nos apegar a ambas, embora não consigamos ver a relação exata entre elas.

Talvez esse mistério a que precisamos nos apegar para levar em consideração todos os dados seja, como diz Augustus Strong, "inescrutável". Mas os teólogos não são os únicos que precisam manter os dois pólos enquanto trabalham. Os físicos nunca resolveram de forma definitiva e perfeita a questão da natureza da luz. Dependendo da maneira pela qual é observada, ela se comporta como onda ou como partícula. Pela lógica, não pode ser ambas. Mesmo assim, para levar em consideração todos os dados, é preciso aceitar simultaneamente os dois padrões de comportamento.

A doutrina da Trindade é um ingrediente crucial de nossa fé. Cada um dos três, Pai, Filho e Espírito Santo, deve ser cultuado, assim como o Deus Triúno. E, tendo em mente a obra distinta de cada um, cabe dirigir orações de graças e de petições a cada um dos membros da Trindade, bem como a todos, coletivamente. Além disso, o amor e a unidade perfeita na Divindade são modelos da unidade e do afeto que deve caracterizar nossos relacionamentos dentro do corpo de Cristo.

Parece que Tertuliano estava certo ao afirmar que a doutrina da Trindade deve ter sido divinamente revelada, não construída por seres humanos. Ela é tão absurda para os padrões humanos que ninguém a poderia inventar. Não defendemos a doutrina da Trindade porque é evidente por si ou logicamente convincente. Nós a defendemos porque Deus revelou que ele é assim. Como alguém disse acerca dessa doutrina:

Tente explicá-la, e perderá a cabeça;
Mas tente negá-la, e perderá a alma.

Parte Quatro

A Obra de Deus